

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Redacção e administração
R. de S. Martinho

Aveiro

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR: Manuel Homem Chris

Numero 138

ASSIGNATURAS
AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2500. Semestre, 1250 réis (fortes).

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assignados tem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º ANNO

PAGAMENTO ADIANTADO

Cartas d'Algures

15 DE AGOSTO.

Já vimos como o protestantismo se desviou da tradição christã; no que diz respeito à instrução do povo. Os homens da Reforma queriam que o povo soubesse ler para ler a Biblia. «Tornando o homem responsavel pela sua fé, e collocando a origem da fé nas sagradas Escripturas, a Reforma contrahia a obrigação de pôr cada um em estado de se salvar pela leitura e intelligencia da Biblia... O protestantismo pôz, assim, ao serviço da instrução, o estimulante mais eficaz e o interesse mais poderoso que pode operar sobre os homens.» (M. Bréal—*Quelques mots sur l'Instruction publique*, pags. 75).

O sr. Antonio Feijó tira d'aquí, d'esse facto do clero protestante ter sido o educador popular, conclusões favoraveis ao ensino religioso. «Desde então (1686) o clero nunca mais deixou de intervir em tudo o que toca à instrução popular; e a sua interferencia, — se se pôde julgar pernicioso no ensino secundario e superior, por sujeitar o espirito dos alumnos à estreiteza do dogma protestante e impedir toda a liberdade de discussão, — no ensino primario só produziu beneficos resultados. Na Suecia, pode dizer-se, não ha analfabetos, circumstancia que deve fazer reflectir os partidarios da secularisação do ensino primario.»

Não confundamos, não confundamos. Não ha nada peor, n'isto como em tudo, do que a confusão, que, não deixando ver claro, leva a conclusões falsas, e, muitas vezes, até disparatadas.

Os protestantes, fundando na Biblia as suas doutrinas, tinham interesse em que o povo aprendesse a ler, para poder ler a Biblia. Só assim lhes seria possível arrear, seriamente, o scisma na consciencia popular. Era, pois, antes de tudo, um interesse religioso.

Independente d'isso, homens de revolta, consciencias mais esclarecidas, proclamando o direito de examinar e discutir, eram, naturalmente, inclinados à instrução.

Já vimos, na carta anterior, como Lutero escrevia que as escolas eram necessarias, independente de toda a consideração religiosa. «Ainda mesmo que não houvesse alma, nem céu, nem inferno, ainda seria necessario ter escolas para as coisas d'este mundo.» Eram as palavras textuaes de Lutero.

«Alguns desdem, sem duvida, pelas letras, quando ellas fossem estabelecidas por puro dilettantismo, fora de uma intenção moral e de um pensamento de edificação religiosa, mas tambem um profundo sentimento da necessidade d'esta instrução geral, que dá a cada um os meios de se guiar por si proprio e que apõe no caminho da virtude» segundo a expressão de Coligny, tal foi o duplo caracter de Lutero e de Calvino.» (Compayré, obra citada, tomo I, pags. 148).

Portanto, partidarios da instrução elemental por necessidade e por espirito de revolta, de livre exame, de progresso e cultura. E, n'essas condições, os membros do clero protestante, paes de familia, além de tudo, com o amor e o carinho da infancia que só tem quem é pae, eram, nos tempos que se seguiram à Reforma, os melhores para ministrar às creanças do povo o ensino das primeiras letras. N'esse sentido prestou a Reforma relevantissimos serviços. Mas o interesse dos catholicos,

dos papistas, era, e é, inteiramente posto. Esses não querem que o povo saiba ler. Se o povo sabe ler, o povo foge-lhes. Ou perde toda a religião, ou adopta, pelo menos, uma religião menos estúpida, como é a religião protestante. O melhor terreno para o fanatismo romano foi sempre a ignorancia. Assim o comprehendeu Roma em todos os tempos, como já demonstrámos.

Se a interferencia do clero protestante, no ensino primario, só produziu beneficos resultados, a interferencia do clero catholico só produziu e só pode produzir, resultados nefastos.

Não teem, pois, que reflectir, como pretende o sr. Antonio Feijó, os partidarios da secularisação do ensino primario.

Depois, o clero protestante, além do seu amor à instrução, não pôe no ensino aquelle caracter alarmante de religiosidade que lhe imprime o catholico, quando este se vê obrigado a ensinar. Está tão longe d'isso que a secularisação do ensino primario existe, por assim dizer, em alguns paizes protestantes, como na Inglaterra, por exemplo.

Gladstone, em 1870, apresentou ás camaras um plano notavel de reforma do ensino. «O debate concentrou-se todo n'uma unica questão, mas que era, para os partidos, d'uma importancia extrema. O governo tinha declarado que não concedia auxilios ás escolas senão com a condição de nellas ser respeitada a liberdade de consciencia, isto é, de ser bandido completamente o ensino relativo a qualquer creença religiosa, ou fosse a creença da religião do Estado ou a de qualquer seita dissidente. A Igreja anglicana sobresaltou-se com isto e bem depressa se formaram duas associações (a Liga da educação e a União para a educação) animadas de espirito muito differente. A Liga pedia que as escolas fossem sustentadas só à custa da parochia; que as creanças fossem directamente forçadas à frequencia e que não recebessem nenhum ensino religioso. A União era menos absoluta; queria que as creanças fossem simplesmente estimuladas a ir à escola, que se exigisse uma contribuição, d'aquellas que podiam pagar, e admitta o ensino religioso, com a condição da consciencia das creanças ser respeitada. O governo achava-se em presença de tres partidos: os adversarios de todo o ensino religioso; os partidarios da Igreja anglicana e os que queriam mantida na escola a leitura da Biblia, sem mais nada.

O governo decidiu-se por estes ultimos e fez adoptar as suas resoluções.» (H. Reynald—*Histoire de l'Angleterre*—Paris, 1875, pags. 350).

Portanto, vê-se que na Inglaterra ha um grande partido da suppressão completa de todo o ensino religioso nas escolas, tão grande e tão influente que fazia parte d'elle o proprio governo de Gladstone, em 1870. Vê-se que o governo transigiu, ainda, mas transigiu só até ao ponto de permittir a simples leitura da Biblia, sem outras cathedreses. Isto não é bem a secularisação, como geralmente se entende. Mas é uma liberdade de consciencia tão ampla que se confunde um pouco com ella.

«Na Inglaterra, a divisão das creanças não vai além de detalhes; o accordo continúa a existir sobre uma certa concepção de moralidade tal qual a Reforma a fez penetrar nos espiritos; por isso é facil ministrar, sob o ponto de vista christão, um ensino moral e social que não choça nenhuma grande convicção e não impe-

de nenhum progresso pratico. A religião mesmo esta secularisada no sentido de ser considerada independente de tudo o que é propriamente confessional; a secularisação entendida n'um sentido positivo, isto é, como especie de negação de toda a idéa religiosa.» (Alfred Fouille, obra citada, pags. 224).

Isto pelo que diz respeito à Inglaterra. Nos Estados Unidos, a religião foi banida inteiramente das escolas, como já dissemos.

«Na America, o regimen federativo oppunha-se por essencia à uniformidade e à centralisação da instrução publica; por outro lado a ausencia d'uma religiosidade do Estado e a multiplicidade dos cultos e das seitas impozeram a necessidade de excluir a religião da escola. Uma instituição especial, a escola do domingo, é encarregada de dar a instrução religiosa.» (Lefourneau, obra citada, pags. 571).

Eis o que se pratica nas duas maiores nações do protestantismo.

De maneira que nem só o protestantismo não é inimigo da instrução popular, como o catholicismo; nem só o protestantismo não é imbuido d'aquelle estreitissimo espirito dogmatico que caracteriza o romanismo; nem só o padre protestante, cidadão, chefe de familia, tem outras qualidades de mestre que o padre catholico não pôde possuir, como ainda o espirito de liberdade de consciencia e de secularisação passou, já, do dominio da theoria para o dos factos em alguns dos paizes que seguem a religião reformada.

E, n'este ponto, pôde-se dizer o mesmo de Portugal, da Hespanha, da Italia ou da propria França?

Não confundamos. Em toda a parte a secularisação se impõe, porque a religião, seja ella qual for, é mais ou menos incompativel com o ensino progressivo, especialmente com o ensino superior. Mas, sobretudo, nos povos catholicos. E não serve de exemplo o que succedeu na Suecia, ou em outra qualquer nação protestante, pelos motivos que deixamos expostos.

E' tão accentuada a má vontade dos catholicos à instrução primaria, à instrução do povo, que nos proprios paizes, onde domina o protestantismo, ficam sempre atrás as regiões onde o catholicismo é seguido pelo maior numero. Assim succedeu na Alemanha (1) e na Suissa. «Apezar das difficuldades que existem nos paizes de montanhas a instrução primaria é florescente; os cantões ruraes e catholicos são os mais atrazados: Rhodés interior, Tesin, Uri, Schwiz, Eriburg; os cantões urbanos protestantes: Basle-ville, Schaffouse, Zurich, Genebra, Thurgosia, Neuchatel os mais adelantados.» (La Grande Encyclopedie — Suisse — tome trentième, pags. 674).

Continuaremos.

A. B.

(1) Vide sobre Alemanha La Grande Encyclopedie — tome deuxième, pags. 287.

Democracia do Sul

Acabamos de receber o numero 32 d'este bem redigido semanario que se publica em Montemor-o-Novo.

Agradecemos e vamos retribuir.

«Povo de Aveiro.»

Em Lisboa, na tabacaria Monaco.

O SR. LIMA

O sr. Lima é o redactor principal do papelleto, orgão do grupo. Como tal, escreve alli todos os domingos o artigo de fundo. Portanto, não só o sr. Lima applaude e sanciona as violencias de toda a ordem dirigidas pelos folicularios à camara municipal, como elle proprio a aggride violentamente no seu ultimo artigo.

Mas diga-nos o sr. Lima: é ou não verdade que o excellentissimo advogava a suppressão do districto de Aveiro, ou, pelo menos, estabelecia essa hypothese como coisa indifferente para nós?

E' ou não verdade que o excellentissimo julgava tambem indifferente para nós que houvesse, ou não houvesse, em Aveiro um regimento?

E' ou não verdade que o excellentissimo escrevia que pouco importava que a barra de Aveiro estivesse, ou não estivesse, em boas condições?

E' verdade. Tudo isso é verdade.

Então, se o excellentissimo quer forca para os membros da camara municipal, o que pede o excellentissimo para si?

Responda o excellentissimo.

Responda a canalha que o cerca.

Pois então, excellentissimo, é mais prejudicial aos interesses locais augmentar 10 réis por metro quadrado, no imposto do piso, que defender a suppressão do districto de Aveiro?

Pois então, excellentissimo, não será melhor para Aveiro haver aqui um regimento, que os pategos passarem a dar 5 réis pela venda d'uma gallinha, quando a vendam isoladamente?

D'onde veem as vossas fúrias, excellentissimo?

Suppunhamos que o presidente da camara errou. Não está já suspenso o imposto do piso?

Admittamos que fosse excessivo o augmento do piso. Então, por tão pouco, ha de ser enforcado o presidente da camara?

E o que se ha de fazer ao excellentissimo por aceitar de boa mente a suppressão do districto de Aveiro? Por aceitar de boa mente a inutilisação da barra e a sahida do regimento?

Este homem é d'uma audacia sem limites. Ameaça com chicote, e desaparece com elle quando o intimam, energicamente, a que appareça. Não acceta duello, emquanto o duello é a sério, e acceta o, logo que o duello é a fingir. Está seis mezes a chocar as offensas que lhe fazem, nove vezes mais que o tempo preciso para as gallinhas tirarem pintos. Abandona completamente a presiden-

cia da camara, quando lá está. Lembra a suppressão do districto de Aveiro, quando mais ninguem se lembra de tal. Considera indifferente a questão da barra. Desdenha das vantagens da permanencia do regimento entre nós. E apparece, depois, feito censor!

Este homem é d'uma audacia sem limites. Este homem só passaria impune com os seus atrevimentos n'uma terra que tolera *Tinhosos, Mijaretas, Chicás e Cabecinhas*.

Este homem, que é incapaz de tudo, que não tem facultades de trabalho nem capacidade dirigente, que fez uma infeliz figura como presidente da camara municipal, que não escreve senão monstruosidades quando pega na penna para tratar questões locais, como se viu no caso da suppressão do districto de Aveiro, da barra e do regimento, atreve-se a investir com todos os que trabalham, com todos os que são uteis. Atreve-se a isso! Tem essa audacia!

Na verdade, é abusar da paciencia publica.

Só por uma coisa o sr. Lima fica assignalado em Aveiro. Pelo seu atrevimento, pela sua audacia em dizer e fazer tolices e pela tolerancia e paciencia com que o supportam.

Só por isso, sr. Lima.

Só por isso!

CONTRA "SEculo."

O Mundo vem sustentando uma campanha contra o *Seculo*. E' pena que nem o Mundo nem outros diarios republicanos — porque só elles poderiam proceder com exito — acordassem mais cedo para essa missão. O primeiro erro commettido o *Gremio d'Estudos Sociais*, que deixou incompleta a sua obra contra o *Seculo*. O segundo commettido o Alves Correia, que tendo elementos haugnicos para responder a campanha tentada contra elle pelo jornal da rua Formosa, para deixar o sr. Silva Graça seriamente comprometido no conceito publico, teve a má inspiração de se calar. Esse erro foi desastrado. O terceiro e ultimo foi commettido por todos os diarios republicanos do paiz, consentindo, sem um protesto, os ataques successivos dirigidos no *Seculo* a democracia portugueza. O *Seculo* não tinha por fim combater este ou aquelle homem do partido republicano e muito menos limpar ou moralisar com esses combates. O fim exclusivo do *Seculo*, systematico, acintoso, era prejudicar a obra da democracia portugueza.

Os republicanos commetteram, pois, o erro gravissimo, além de tantos outros já commettidos, de se agacharem, de se acovardarem deante do *Seculo*, tendo, aliás, armas poderosissimas para o esmagar. E, ainda agora, foi preciso que um jornal monarchico, de pouca ou nenhuma auctoridade, redigido por um homem que re-

LABREGOS E PATEGOS

Os pelintras andam agora muito melindrados a favor dos pategos. Pois então os pobres diabos, que vão responder em juizo pelas arruaças a que os pelintras os incitaram, que lhes agradeçam.

Incitaram-nos e agora safam-se deixando-os a elles entalados.

Já é ter amor aos pategos!

Esses brutos, diz um patarata do pasquim são os mesmos a quem se dirigem, de chapu na mão e modos humildes os que aspiram a deputados da nação e aos maiores cargos do paiz.

Exactamente. E' o que tem feito o proprio bandalho que tal escreve. E' o que tem feito Jayme de Magalhães Lima, patrão d'elle. Nós, não. Nunca pedimos um voto a ninguem, nem para nós, nem para os outros.

Temos defendido sempre a causa da liberdade, da democracia, do povo, sem adular o mesmo povo, antes censurando-o sempre que elle merece. Temos trabalhado incessantemente pelo progresso, pela causa da civilização do paiz, de que ha sobejas provas e com o applauso do proprio rabiscador do pasquim.

Temos feito isso, sem mira em votos, nem em recompensas.

E ali te esmagamos, a ti e a todos, meu bandalho!

O contrario não pôde dizer o bandallete, que tendo conspirado sempre, com o patrão, a favor dos reaccionarios, que não tendo nunca prestado um serviço publico de nota, cahe na mesma torpe adulação aos labregos precisamente com o fim de lhes apanhar o voto.

Que serviços tem prestado o sr. Jayme de Magalhães Lima á causa da civilização, do progresso, da liberdade d'este paiz?

Aos interesses d'Aveiro sabemos nós os serviços que elle tem prestado. Antes de ser presidente da camara, alvitrou a supressão do districto de Aveiro; declarou que era indifferente que a barra estivesse boa ou má, que houvesse, ou deixasse de haver, regimento em Aveiro. Depois de ser presidente da camara, deu um homem por si e foi para casa rezar as contas.

Esses serviços a Aveiro, conhecemo-los nós.

E os serviços ao paiz? Que tem feito esse homem? Que vale? Não vale nada. Mas, indirectamente ao menos, concorreu com o seu applauso, com a sua sanctão, com a sua consciencia, para a causa da liberdade e do progresso?

Não. E' um reaccionario dos mais ferozes. Esteve sempre ao lado de todos os inimigos da democracia portugueza.

Tal é o amigo dos labregos e do povo!

Que lhe importa a sorte do povo? Elle não pede, não, castigo para os labregos. Elle não censura os labregos. Mas porque? Porque lhe quer apanhar os votos.

E o mesmo faz o bandalho que rabisca lóas no pasquim. A ignobil especulação de todos os politicos de officio. E é esse bandalho que se arvora em catão!

Só censura o povo quem não pretende, como nós, especular com elle. Desejariamos e desejamos elevar o nivel intellectual

dos pategos. Desejariamos e desejamos vê-los engrandecidos. Pela sua reabilitação trabalhamos. E trabalhamos sem cessar. Mas, enquanto o não conseguirmos, não podemos deixar de reprimir as manifestações violentas da sua bruteza.

Que lhes chamamos brutos! Que lhes chamamos pategos! Pois já é injuria chamar brutos aos brutos? Pois já é amesquinhar esses selvagens das aldeias o chamar-lhes pategos?

Que ignobeis especuladores! E por ali abaixo desatam n'uma homilia aos pategos, que faz rir á força da imbecilidade hypocrita que contém.

O patego, o labrego, é o ente mais feliz d'esta região. E de todas as regiões, em geral. Mas o d'esta em particular. E' o senhor da terra. Nunca vimos nenhum na miseria. A verdadeira miseria encontra-se no operario. A sorte d'este é que é desgraçada. O labrego tem sempre um ponto de apoio, que é a terra. D'alli tira sempre o preciso para não morrer de fome. O operario, esse, não tem nenhum ponto d'apoio.

O labrego anda vestido de burel e come só batata ou feijão. Mas operario, nas repetidas e successivas crises de trabalho, anda roto e faminto.

E' a differença que ha entre os dois. Além d'isso, o operario vive nas cidades, paga direitos de tudo que come, de tudo que veste, do ar que respira, e o labrego limita-se a pagar a contribuição directa, e ainda bem para o paiz quando a paga com verdadeira justiça. No geral, tem artes de berliques e berloques para pagar só metade do que deve pagar.

O labrego d'esta região tem os molços de graça. Tem só o trabalho de os transportar e cõlher. Nesses transportes estraga as malhadas, estraga as ruas, estraga as paredes das propriedades.

E' elle que compõe as ruas, como allega o farçante e ridiculo escrevinhador? E' elle que paga os estragos produzidos nos muros das propriedades?

Não.

Quem paga os concertos das ruas é precisamente aquelle que lhe dá dinheiro em troca dos chouriços, dos presuntos, do vinho, etc, pagando ainda contribuições indirectas ou sem pagar dinheiro de dinheiro.

O labrego, mais feliz, mais rico, mais prospero que o trabalhador das cidades não paga, ainda por cima, metade dos impostos que recahem sobre este. E não ha de ser para o labrego das cercanias de Aveiro que ha de haver excepções. E' elle mais remediado que todos os labregos congeneres das outras regiões do paiz. E estes pagam as contribuições a que o labrego de Aveiro se recusa.

Mas recusa-se em termos, ao menos?

Estudem-se as suas reclamações e attendam-se, se quiserem. O que não se pode permittir é o uso da força a favor da injustiça. Ninguem pode attentar contra os direitos alheios. Quando muito, admittre-se a força pela justiça. E mesmo assim não se admittre sem estarem exgotados os recursos extremos. Ora o labrego das cercanias de Aveiro nem exgotou os recursos pacificos, nem tinha ra-

ção. E apesar d'isso attentou contra os direitos alheios e praticou as maiores violencias.

Repetimos: foi pena que não soffresse um correctivo severo, Severissimo.

Isto não é ser contra o povo. E' ser a favor da verdade e da justiça.

Contra o povo era o celebre Jayme de Magalhães Lima quando lançava ao desprezo a sorte da barra. Contra o povo era o celebre Jayme de Magalhães Lima quando alvitrava a supressão do districto de Aveiro. Contra o povo era o celebre Jayme de Magalhães Lima quando não se importava que deixasse d'existir regimento em Aveiro. Parece-nos que os vendedores de couves e nabos ficariam bem mais prejudicados sem barra, sem districto de Aveiro e sem regimento que com o augmento de 10 réis por metro quadrado no imposto do piso. Contra o povo é o celebre Jayme de Magalhães Lima quando se colloca do lado dos reaccionarios contra a causa da democracia, do progresso, da civilização. Contra o povo são os trutantes que o incitaram a vir praticar tropelias á cidade, com risco de ficarem alguns infelizes estendidos nas ruas e apanhados, como agora, nas garras da justiça. Contra o povo são os farçantes ignobeis, os especuladores infamissimos que estão no pasquim dos francaceos a entoar lóas aos labregos com o unico proposito de os desviarem do partido opposto para o d'elles, sem que entre n'esse proposito a minima parcella de justiça.

Só n'uma coisa tem razão o bilontra que rabisca no pasquim. E' quando acha motivos de queixa nos labregos contra aquelles que rompem as calçadas e coçam as esquinas, na ociosidade e na maledicencia, sem assentarem uma só pedra do edificio social.

Tem razão. Ou esses sejam os nojentos mijaretas, que hoje rastejam aos pés d'este e amanhã aos pés d'aquelle, que dormem até ao meio dia enquanto todos os outros trabalham desde manhã, que hoje chamam pulhas e ladrões aquelles que amanhã engrandecem e exaltam, que hoje defendem uns principios que amanhã repellem descaradamente, ou sejam esses, que constituem a verdadeira escoria social, ou sejam aquelles a quem elles chamaram pulhas e ladrões e que os recebem agora de braços abertos, ou sejam os chiças que teem a hypocrisia por missão, que não dão ao paiz, em trabalho util, o equivalente do que recebem do Estado, ou sejam outros, nenhum d'elles assentou a minima pedra do edificio social, todos elles rompem as calçadas e coçam as esquinas na ociosidade e maledicencia e todos elles estão abaixo dos labregos, mesmo quando os labregos praticam brutalidades e commettem injustificadas violencias.

Esses são os grandes pulhas. Esses são a legitima canalha. Esses constituem a chaga, a grande chaga da nação.

N'esse ponto, estamos de plenissimo accordo.

A banda do 24

Dizem-nos que a banda de infantaria 24 se exhibiu magistralmente na festividade da Senhora das Neves, em Fixo. Parabens ao seu regente.

negara! por sua vez, os principios republicanos, tivesse atirado a primeira pedra ao colosso do jornalismo portuguez. Triste sua, esta dos republicanos nunca verem, em tudo e por tudo, a oportunidade mais conveniente á sua politica! No entanto, mais vale tarde que nunca. E o Mundo, faça-se justiça, é dirigido por um homem sincero e honesto, que terá condescendido demasiadamente com a opinião dos prudentes, mas que era incapaz, por covardia ou falta de altivez, de se calar. Se não proceder até hoje foi porque, sem duvida, os conseheiros do partido entendiam que valia mais a pena desprezar as violencias do Seculo. E porque fazemos d'elle esse conceito, e porque, como já dissémos, mais vale tarde do que nunca, e porque o Seculo, na verdade, tem offendido a consciencia publica, não podemos deixar de applaudir o Mundo.

O procedimento do Seculo tem sido verdadeiramente revoltante. Nenhum jornal prejudicou ainda tanto a moral publica. Nenhum offendeu ainda tão gravemente a justiça. Nenhum apostatou d'uma maneira tão indigna. Todos os homens honrados, pois, todos os patriotas, todos os democratas teem o rigoroso dever de se pronunciar contra elle.

Fallecimento

Falleceu na ultima quarta-feira n'esta cidade o sr. José Marcos de Pinho. Em vida foi um trabalhador honesto e muito honrado.

A' viuva, sens filhos e genro, os nossos sentidos pezames.

Mas em que tivémos nós provas, e quando as tivémos, da abnegação do dançarinosinho? Foi quando elle nos supplicou, ue tornou a supplicar, que não deixassemos d'escrever no seu jornal? Foi quando elle, depois de nos supplicar e tornar a supplicar que lhe não abandonassemos o jornal, o suspendeu um bello dia sem a minima prevenção? Foi quando elle, justificando-se d'essa deslealdade de dançarinosinho, nos escrevia a dizer que pessoas de familia o levaram aquillo, mas que queria persistir advogado, só advogado, e que nunca deixaria de ser republicano? Foi quando elle, depois de dizer que queria permanecer advogado, e só advogado, andou a pedir emprego, de chapéo na mão, ao sr. Homem de Mello? Foi quando elle, não tendo o sr. Homem de Mello podido servi-lo á pressa, em vez de se desbarretar como um lacaio, na forma do costume, enterrou o chapéo na cabeça, como um vilão, quando, dias depois, encontrou aquelle senhor? Foi quando elle, depois de dizer que nunca deixaria de ser republicano, passou a estar ás ordens da reacção? Foi quando elle, pedindo-nos, ordenando, que lhe publicassemos as cartas se o apanhassemos n'uma incoherencia, que demonstrasse menos seriedade, desatou a fazer patifaria brava contra nós logo que lhe satisfizémos o desejo, isto é, logo que cumprimos a ordem que nos deu?

Quaes foram os sacrificios que o dançarinosinho fez por nós?

Que bellos dois pontapés, se o pequenino tivesse envergadura para os receber e consideração para os levar!

Pois dançarinosinho não sabe que temos na mão com que lhe tapar a bocca e quebrar os dentes?

Qual foi a sua abnegação? Foi receber o favor que lhe fizémos de escrever no periodico, em condições que constam de documentos que temos de reserva?

Quaes foram os seus sacrificios por nós? Foi mantermos-lhe o jornal com os nossos escriptos, dando-lhe leitores e força moral, como elle confessa em documento, em documentos, ha mais

do que um, que iremos mostrando?

Que grande mariola! Mas que imbecil, ao mesmo tempo!

Chiças, Cabecinhas, Tinhosos e Mijaretas

Os malandrões desataram agora a prégar moralidade.

Que o povo se revolta porque sabe que todos os governos esbanjam, que todas as corporações administrativas estragam ou desviam do seu legitimo destino grossas quantias.

Mas, malandrões, não sois vós do partido do sr. Jayme de Magalhães Lima? Não defendeis este senhor á outrance? E Jayme de Magalhães Lima não tem sido partidario d'esses governos que esbanjam?

Mas, malandrões, não tendes vós Jayme de Magalhães Lima por mestre, idolo, chefe ou patrão? E Jayme de Magalhães Lima não foi já presidente d'uma d'essas corporações administrativas que estragam ou desviam do seu legitimo destino grossas quantias?

Quando sois sinceros, malandrões?

Nunca! Sois os especuladores sem caracter, sem alma, que teem arrastado este paiz á ultima abjecção.

Sois os biltres que fazeis da politica arma de todas as infamias, instrumento de todas as torpezas.

E tendes o cynismo de accusar os outros! E não quereis que se tratem os labregos com inferioridade, que lhes se chame brutos, as pobres bestas que vos correriam a vergalho se tivessem alguma consciencia moral, algum valor intellectual!

Continuam que muitos ociosos recebem do thesouro grossas quantias sem trabalhar e passeiam na bella pandega, fartos e cheios, arrotando grandezas e importancias.

E não sois vós mesmos d'esse numero, malandrões? Não sois tendes no vosso grupo, no vosso partido, na vossa propria casa? Não os defendeis? Não fazeis causa com elles? Ou os francaceos serão, á ultima hora, a quinta essencia da pureza nacional?

Que ignobeis malandrões! E como tinha razão aquelle d'entre elles que lhes chamava, em tempo, corja de pulhas, dizendo que tudo quanto nós escreviamos era pouco para esses ladrões!

Um bandoleiro do partido do Carmo escreve que uma das causas dos ultimos molins é a antipathia que o sr. presidente da camara tem em todas as classes, e mesmo entre os seus correligionarios e subordinados.

Pois, claro. O sr. presidente da camara trabalhou com tacto e com zelo, prestando relevantes serviços, quando foi presidente da Associação Commercial, antes d'esta tomar o titulo de Chafarica.

O sr. presidente da camara tem trabalhado a valer, pelos interesses municipaes, e tem prestado relevantissimos serviços, á frente da vereação. Não tem sympathias, nem as deve ter. E' legitimo. Quem tem meritos e serviços reaes não tem sympathias. Mas esse cidadão do Carmo, que é indifferente perante a supressão do districto de Aveiro, a inutilização da barra e a sahida do regimento, mas esse cidadão do Carmo, que abandonou a presidencia da camara para rezar as contas e discretear sobre flôres, esse tem as sympathias de toda a cidade.

E' legitimo.

E tambem as tem o Mijareta, o Cabecinha, o Chiça e o Tinhoso.

E' legitimo.

E' legitimo.

Companhia Lisbonense
— Domingos e Lola

Felizmente não é verdadeira a noticia que se espalhou na cidade e a que demos publicidade no passado numero do «Povo de Aveiro», de ter cegado o popular actor Domingos e endoidecido a sympathica actriz Lola.

A um seu amigo d'esta cidade foi dirigida a seguinte communicação que gostosamente reproduzimos:

«Amigo: — Recebi o *Campo* e um postal, no qual diz constar ahi, que, estou cego e a Lola doida.

«Tudo isso não passa de uma brincadeira de mau gosto, pois graças á Providencia, de tal não padecemos.

«Recomende-me a todos e pelo jornal desmintá tal gracejo. — Evora, 7-8-902. — Seu amigo, Domingos Candido da Silva.»

Do actor J. Santos Carvalho, acabamos de receber a seguinte carta que desfaz por completo as más impressões que se produziram na cidade com respeito á noticia de que nos tornámos ecco e que corria de bocca em bocca.

Ei-la:

Sr. redactor do *Povo de Aveiro*.

— Em um dos ultimos numeros do seu muito acreditado jornal, deparei com uma local, na qual se dizia que, minha mulher a actriz Lola estava internada no manicómio de Ribafolles. Em abandono da verdade e para gaudio dos meus amigos que n'essa cidade tenho muitos, assim como de todo o publico aveirense, que tantas provas de estima me tem dispensado e a quem eu muito respeito e quero; peço a V. o especial obsequio de tornar publica a verdade que é a seguinte: Minha mulher está em Lisboa tratando-se de uma *arcostenia*, incommodo de cabeça de que sempre soffreu mais ou menos, mas está em casa de minha familia, na rua da Assumpção, 103-1.º, não está internada n'um hospital de doidos, como a infame pessoa ou pessoas, que sugeriram essa *bugue* assim desejariam.

Minha mulher está em tratamento sob a prescripção do ex.º sr. dr. Bello de Moraes e está felizmente quasi restabelecida. Brevemente voltará a meu lado e ao lado de seus filhos e dos seus collegas que a esperam com ansiedade.

O meu collega actor Domingos tambem felizmente não está cego nem surdo; teve simplesmente uma constipação da qual está restabelecido e nunca deixou de representar nem de dirigir a *Nova Sociedade Emprezaria do Theatro Lisbonense* que alguns malsins desejariam ver desaparecer.

Evora, 12—8—1902—De V., etc.
— O actor, J. Santos de Carvalho.

Folgamos com estes formaes desmentidos e estimamos que a sympathica actriz Lola se restabeleça depressa da doença por que vem passando.

Os envenenadores do povo

São do nosso collega da capital *O Imparcial*, as linhas que se vão ler a respeito da vil gentalha que não trepidava em envenenar o povo.

O celebre falsificador d'Ovar, Dionysio Passos, nos interrogatorios a que foi submettido no commissariado geral de policia do Porto, cahiu em grandes contradicções, pelo que já foi remettido ás auctoridades judicias da comarca de Ovar, assim como o moleiro Pedro Valente:

«Todos os honrados commerciantes implicados no caso das falsificações já vão perdendo mais e mais a ingenuidade com que se apresentaram a principio. As suas declarações vão sendo mais concisas e por ellas se vae descobrindo a astidão do campo das ladroeiras.

Dionysio Passos, não tendo á mão outra taboa de Salvação, declarou á policia que juntava ás farinhas o kaolino, porque os freguezes lhe exigiam que as farinhas fossem bastante alvas,

Isto não é precisamente resposta de cabo de esquadra, mas é, pelo menos, a de refinadissimo intrujão. E depois se ella era somente destinada aos cevados para que era aquella exigencia?!
Chega a ser irrisorio! O tal Dionysio, continuando nas suas declarações, disse mais que a todos os freguezes elle prevenira que a farinha tinha barro e que, portanto, se abtivessem de fabricar com ella o pão!

E quando não bastassem estas ingenuas declarações, disse ignorar que o kaolino fosse prejudicial para a saude!
Que tal está o innocente!
No mesmo commissariado do Porto foi interrogado o moleiro Pedro Valente, que declarou igualmente, com uma certa ingenuidade, que moia em casa casca de arroz e casca de pinheiro por incumbencia d'um commerciante, Almeida, da rua de S. João.

Apertado no interrogatorio declarou mais que tambem misturava um bocadinho de kaolino na farinha, e que a presença em sua casa d'aquellas grandes quantidades de artigo, se explica, pela falta de clientes.

Podera, pois se elles estavam todos doentes de cama por causa d'aquelle bocadinho de kaolino.»
No Porto foram já presos e enviados ao tribunal do 1.º districto os seguintes individuos:

Constantino José da Silva Braga, negociante estabelecido na rua Monsinho da Silveira; Joaquim Pereira Gabriel, estabelecido na rua do Costa Cabral; Antonio José Moreira Barbosa, negociante na rua do Freixe e José Antonio Ferreira, negociante da rua do Costa Cabral.

Os tres primeiros são accusados do crime de falsificação de farinhas e o ultimo como receptor do genero falsificado, sendo por isso arbitrada a fiança áquelles em 2:000\$000 e ao ultimo em 1:000\$000 réis.

Ao tribunal do 2.º districto foi remettido Antonio da Rocha Pereira, da rua da Fabrica.

Ao 3.º districto foram enviados Joaquim Correia de Mattos, da rua de S. João; David d'Almeida Cruz, Joaquim Ferreira dos Santos e Antonio Luiz de Abreu, da rua de S. João.

Dos enviados ao 3.º districto, o pronunciado Joaquim Correia de Mattos foi recolhido á cadeia, affiançando-se os outros sendo-lhes a fiança arbitrada em 1:000\$000 réis a cada um.

Que a justiça seja inexoravel para com esses seres abjectos é o que todos reclamam, e o que é de justiça. Patifes!

UMA NOVA SANTA

Lêmos n'um jornal:

«Não sabemos bem com que fundamento se tem propalado a balela de que, nas cercanias de Oliveira, perto da Regoa, appareceu em oloroso cheiro de virtudes mais uma santinha.

Mas o melhor da passagem, segundo a phrase consagrada do illustre publicista Antonio de Serpa, é que esta bem-vinda santa, que agora surge em nimbos de gloria e tão dealhada pela luz de uma vivissima fé, vem talvez em cheiro da Eidade Média.

Conta-se que, procedendo-se a excavações e á demolição de um casebre que ameaçava ruina, nos arredores d'aquella localidade, foi encontrado dentro d'uma arca antiga de carvalho com pregaria de metal o corpo incorrupto de uma mulher, achando-se na tampa da arca a seguinte inscripção:

«Euphemia, monja de Nossa Senhora do Valle, desenterrada e despojada dos seus habitos pelos francezes.»

Vê-se que estamos na epocha dos milagres e dos prodigios.

Ainda ha pouco tivemos, em Lobrigos, uma santa de carne e osso, de que ha por ahi venerandas reliquias e de que se contam carradas de milagres, e agora, a ser exacta a nossa informação, achamo-nos, por bem de nossos peccados, em face d'outra santa indiscutivel e authentica.

Com um pouco de agua benta e umas indulgencias plenas, a quem orar umas tantas *ave-marias*, vae talvez inaugurar-se para felicidade das almas penadas uma devoção qualquer que livra das maleitas e cura o sarampelo.

Vamos ter romaria á carunchosa mumia, largos commentarios para desfas-

... das tardes do verão, fartas esmolando para uma capelinha, enfim uma pande-ga rasgada.

E os crentes n'estas appareções celestias a affligirem-se de que este globo sublimar vae tombar no vacuo pela impiedade do seculo!

Ainda não ha muito que na quinta do sr. Antonio Costa, em Mostim, proxima-mente ao local onde surge agora a santinha Euphemia, appareceram subterraneos abobadados, caverias romanas, mouras encantadas, thesouros na mente dos visionarios, e outras coisas mais que desandaram em pancadaria velha, que se liquidou nos tribunales.

Praza aos Geos que assim não succeda agora.»

A corja alimenta a esperança de nos verem um dia arranca-los do lameiro em que estão.

Fazem bem. Só por esse meio poderiam voltar a ser gente. Fazem bem. Fazem bem. Vivem de esperanças. Mas sempre lhes diremos que não são muito bem fundadas. Era preciso que nós fossemos tolos. E não somos. Os mariolões estão no lameiro e no lameiro hão de ficar até ao fim.

Descansem. Nem nós sómos tolos, nem os nossos aliados. Era preciso que estes fossem mais reaccionarios que os pulhas que seguem o partido do Carmo, e mais prejudiciaes aos interesses da terra, para que nós, nas questões locais, deixassemos de os pôr acima dos pulhas. Ora isso não acontece nunca.

Então descansem os pulhas. Não se...

CARTAS DE NENHURES

«A carta de v. ex.ª sobre a duração e vida do meu jornal, compete-me responder, e só hoje o faço pela absoluta impossibilidade de o fazer ha mais tempo.

O jornal, que é de um principiante, representa o resultado de um grande esforço e de uma grande vontade, e hoje, se bem que no seu começo touxesse muito encargo e muito sacrificio, posso talvez dizer que está vingado.

A meu vêr, e que, n'este caso é verdadeiro, o que seguiu o jornal é o firmou na reputação que deve ter para se sustentar foi a collaboração distincta de v. ex.ª, que eu muito aprecio e que desejo sempre, atravez de tudo.

Não me abandonará v. ex.ª? Permitta-me v. ex.ª algumas considerações: O jornal saiu sem que eu tivesse n'elle um grande prazer. Saiu porque muitos amigos me enthusiasmaram e porque eu, inexperiente navida, confiei n'elles. Escuso dizer a v. ex.ª que ao 2.º numero do jornal eu estava só, quer pecuniariamente, quer mesmo com respeito ao apoio moral que os taes amigos me prometteram.

Eu tenho um feitio extraordinario: se me abandonam é quando vou, e se convencido estava que o jornal era mal feito, o que não admirava por isso que eu nunca tinha escripto, e nenhum cuidado podia ter de que fazia porquanto estava só e tinha de escrever inclusivamente os annuncios, ainda assim não desanimei, e continuaria, como digo, embora só.

Veio v. ex.ª e consigo um grande bem para o jornal. E então boa companhia, porque sempre estimei v. ex.ª, não posso abandonar o jornal, que, sustentado n'um certo apuro, e livre do papão justiça, se sustentará sem difficuldade.

Com que conto eu, além da minha boa vontade? Com v. ex.ª a quem tomo a liberdade de pedir não só a continuação dos seus escriptos como tambem o obsequio de me enviar sempre que possa, artigos para fundo, o que viria trazer uma grande conveniencia.

Cumpr-me agradecer a v. ex.ª,

...

...

...

...

offerecer-lhe aqui, com toda a minha consideração e estima, o meu insignificantissimo prestimo.»

N'este genero, esta carta é a primeira. Seguem-se outras curiosissimas.

Vamos ao outro genero:

«Deve saber já o resultado do julgamento do P. de A. Desejo agora explicar-lhe como a cousa se passou.

Antes de tudo, porém, o seguinte aviso, que deve ter em consideração. Quaesquer aggressões ao juiz devem sempre mencionar factos positivos e por elle praticados que possamos provar: aliás, processo por injuria, sem determinação de facto, pode-nos (já falava no plural e fazia bem, desde que o verdadeiro cão contra o tal juiz era elle) *pode-nos* acarretar desgostos que devemos (sempre no plural) prevenir. Sempre factos e d'aquelles que possamos provar.

Nesse sentido (o verdadeiro cão, o verdadeiro auctor de tudo contra o tal juiz era elle, como se vae vendo; os outros só lhe faziam a vontade; mas agora elle é que come de carinho, os outros é que arrostam com as côleras e elle ainda apregoa que são os outros que o *comprometteram*) n'esse sentido envio-lhe uma certidão que tirei de um processo e uma explicação de novo caso que o homem acabou com a mais flagrante das poucas vergonhas.

(Continúa)

Esta continúa no proximo numero. Queremos que isto vá de vagar e que dure.

Que fiquem os leitores de curiosidade aguçada para domingo.

THEATRO AVEIRENSE

No ultimo domingo, verificou-se a abertura da urna de vidro onde esteve por espaço de tres dias e tres noites encerrado sem comer nem beber, e sr. Soares Junior, rival do celebre jejuador *Papuss*.

Em seguida representou-se o drama em 4 actos, *Milagre da Virgem*, cujo desempenho coube aos curiosos srs. A. Rubim, João Telles, A. Rocha e a actriz Maricas, que se esforçaram por agradar, visto terem tido um só ensaio. O João Telles, porém, no papel de *galuno*, esteve correcto, demonstrando muita habilidade, como sempre, para o palco. Houveram chamadas especiaes.

Depois exhibiu o *fakir* portuguez, sr. Rodolpho Cyrne, as suas experiencias de insensibilidade, furando os braços em diversos sitios, a garganta e o labio inferior com laminas de aço sem derramamento de qualquer gotta de sangue, o que nos causou verdadeira admiração!

A seguir recitou, muito bem, a scena comica *A manhã vou pedir a*, o sr. A. Rubim.

Terminou o espectáculo com a engraçada comedia em 1 acto — *Um bom Marquez...*, que agradou, e na qual se salientaram João Telles, no papel de *Pantaleão* e João Pimenta, no papel de *Pedinte taxado*. Maricas, bem.

Tanto o drama como a comedia é original do escriptor, sr. A. Rubim, que escreveu expressamente em Aveiro para se representarem n'aquella noite. E' realmente um trabalho muito bem feito e muito engraçado.

Pena foi que a casa estivesse tão escassa de espectadores.

Porque os ultimos espectaculos não dêsser resultado por falta de concorrência, não cobriudo as despezas que fizeram com os sensacionais e scientificos espectaculos e ficando em condições bastante precarias, resolveram realizar hoje uma nova récita em seu beneficio com o drama em 4 actos — *A Filha do General* — cujos personagens são: A. Rubim, D. Juanna Castro, A. Silva, Soares

Junior, P. Pimenta, Valente da Costa, Alfredo Silva e J. Carvalho, sendo o preço da entrada muito diminuto. Haverá novas experiencias pelo *Fakir* portuguez, sr. Rodolpho.

O povo d'Aveiro saberá comprehender, de certo, concorrendo hoje ao theatro, as difficuldades com que luctam esses tres sympathicos e modestos artistas, dignos do favor publico d'esta cidade que se presa, sempre que o entende, de ser boa e hospitaleira.

Bem hajam, pois, os que ali forem.

A serenata — No Jardim

Decorreu deslumbrante a serenata realisada na noite de 12, pela *Tuna Talabriga*. Era d'um effeito magnifico o barco-salão onde mais de 100 pessoas executaram lindos trechos de musica e soberbos cantos populares. As cortinas do caes estavam repletas de espectadores. Um bravo aos da *Tuna*.

— A mesma *Tuna* resolveu na proxima noite de domingo, 24 do corrente, pelas 9 horas, executar no coreto do Passeio Publico os mesmos numeros de musica que tocou na noite da serenata, assim como outros que vae pôr em ensaios.

Consta-nos que as entradas serão pagas, revertendo o seu producto a favor do cofre do Monte-Pio.

E' de louvar semelhante resolução.

COISAS DE LONGE

Uma tempestade no Monte Branco — Quatro mortes

Noticias recebidas de Chamouniz dão pormenores d'um d'esses dramas que, de quando em quando, se registram nos annaes do excursionismo.

Dois excursionistas e dois guias encontraram a morte n'uma ascensão que fizeram no Monte Branco.

Surprehendeu-os uma tempestade no caminho, e, em meio da escuridão, andaram errantes to-
do o dia sem achar com um caminho conhecido.

Ao romper do dia, os guias deixaram os viajantes para irem buscar soccorros; mas, cegos pela ventania, morreram nos barrancos do monte, ao passo que os excursionistas morriam tambem de frio e fome.

Já foram encontrados tres dos quatro cadaveres.

Panno Invulneravel

Um inventor de Mannheim (Baldu) acaba de fabricar um panno no qual esbarram todas as balas sem conseguirem atravessá-lo. As experiencias mandadas fazer pelo ministerio da guerra austriaco deram as melhores provas: — os tiros não fizeram no novo panno a mais ligeira beliscadura!

Cura do anthraz

Um dos medicos mais celebres de Paris, o dr. Doyen, apresentou á Academia de Medicina de Paris um liquido albuminoso com o qual se pôdem curar os tumores inflammatorios, como o furunculo e o anthraz.

Em 50 casos, a injeccção intermuscular de aquelle liquido produziu a cessação rapida das dôres, a desinflamação do tumor e por fim a sua cura em 24 ou 48 horas; quando no principio, ou em dois ou quatro dias, quando mais adiantado.

Os casos de anthrazes profundos, os symptomas graves, cederam após uma só injeccção. Em menos de 12 horas, a suppuração diminue e no fim de quatro ou cinco dias a ferida apresenta-se mais reduzida, cicatrizando em um periodo de tempo relativamente curto.

Os grandes anthrazes são curados sem incisão, sem cauterisação, unicamente com um simples penso emoliente e asseptico. O dr. Doyen declarou que todos os casos por elle curados eram faceis de verificar.

SAPATARIA REIS R. DOMINGOS CARRANCHO (A'S CINCO RUAS) AVEIRO

O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma installação mais apropriada.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, ao mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por medida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de corte, excellentes acabamentos e incomparavel modicidade de preços.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 42 a 44

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista. Extrahê, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras. R. DIREITA, 58, 1.º Aveiro

Vinho puro de Bucellas

Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Pelxe—AVEIRO

N. B.—Só se garante o proprio vinho o vendido no mesmo estabelecimento.

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz. — 3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza. — 1. vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié. — 1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet. — 1 vol.

SENHOR EU, de Farina. — 1 vol.

Cada volume, 100 rs. Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

COSINHA PORTUGUEZA

ARTE CULINARIA NACIONAL

COLLABORAÇÃO DE SENHORAS

(Productos reservados a um fim patriótico e piedoso)

2.ª edição, muito melhorada

Contém:—Preliminares sobre Modo de bem viver; A nossa habitação; A agua; A nossa alimentação; O nosso vestuário; Preceitos diversos.

795 receitas, com as seguintes secções: Sopas e purés, 41; Legumes e hortaliças, 25; Carnes diversas, 100; Croquetes e almondegas, 15; Peixes diversos (receitas de bacalhau, 35), 91; Molhos diversos, 28; Massas e entre meios, 19; Pastéis, tortas e empadas, 29; Ovos e omeletas, 27; Saladas diversas, 8; Doces de sobremesa, 203; Compotas e conservas, 54; Doces de chá, 155.—Total 795.

A venda unicamente na Imprensa Academica, de Coimbra para onde devem ser feitas as requisições, acompanhadas de sua importância, que é:—Em brochura, 600 rs. Pelo correio, 650.—Em formosa cartunagem, 700. Idem, 760 réis.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a cores por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos Mystérios da Inquisição descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram neste grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exultado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á Companhia Nacional Editora—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

HISTORIA DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com magnificos retratos dos grandes patriotas d'aquella época

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanais de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia de familia, tem de ser guardada na bibliotheca de cada lar como testemunho a thentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como leões lutaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas, 60 réis. Cada vol. brochado, 1.500. Obra completa (4 vol) 6.000

A assignatura por fasciculos pode ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua de Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria Nello Guimarães.

Catecismo Moderno

Obra de...

Dedicada a...

preço 50 rs.

A venda na Livraria Elysto

—A Formosa, 282

PORTO

A NOVA PHASE DO

SOCIALISMO

JOÃO DE MENEZES

A venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160 LISBOA.

Preço 200

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Pelxe

AVEIRO

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A venda 6.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

ARMAZENS

BEIRA-MAR

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo ao sohejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDEMSO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espinhosos da Associação Viucosa da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicycletas Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Loças de porcelana, quinquilarias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flóres artificiaes e coróas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

ACREDITADA FABRICA

“PFAFF”

Fundada em 1862

Kaiserslautern

São estas as melhores machinas de costura



A machina PFAFF para costureiras.

A machina PFAFF para alfaiates.

A machina PFAFF para modistas.

A machina PFAFF para sapateiros.

A machina PFAFF para sarteiros.

A machina PFAFF para correiros.

A machina PFAFF para toda a classe de costura,

desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina PFAFF é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.

A prestações e a dinheiro com grandes descontos.

Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.

Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.

Conserta-se machinas de todos os sistemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.

Pedidos a

José Albarrá Suiões & Filho

ANADIA—SANGALHOS